

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Marcos Alexandre Polo

A TROPA COMO VETOR DE INTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES DE PAZ

**Resende
2020**

Marcos Alexandre Polo

A TROPA COMO VETOR DE INTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES DE PAZ

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador(a): Felipe Vaz de Freitas

Resende
2020

Marcos Alexandre Polo

A TROPA COMO VETOR DE INTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES DE PAZ

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em ____ de _____ de 2020.

Banca examinadora:

Felipe Vaz de Freitas – Cap
(Presidente/ Orientador)

Allan Dos Anjos Linhares De Oliveira – Cap

Allan Torres dos Santos Flores – Cap

Resende
2020

Dedico este trabalho aos meus pais, Marco e Sirlene, que me apoiaram desde o primeiro momento em que decidi me tornar militar do Exército Brasileiro. Não só me apoiaram com suporte material e financeiro, como me proporcionaram o mais importante: o amor e a compreensão.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus, que me permitiu obter todas as minhas conquistas até esse presente momento. Ele foi meu ponto de equilíbrio e de fortaleza, que permitiu que eu enfrentasse todas as dificuldades sem esmorecer. Ele é a razão de eu ter alcançado mais esse objetivo em minha vida e serei grato a todo instante por isso.

Agradeço aos meus pais por me incentivarem e por não hesitarem em me auxiliar em todas as dificuldades pelas quais passei. Foram os seus valores e atitudes que serviram de espelho para que eu pudesse me manter focado e determinado a alcançar meus objetivos.

Agradeço à minha namorada, Júlia, por ter me auxiliado de forma inestimável na produção desse trabalho. Foi graças a ela que pude ousar e buscar resultados que fossem de grande relevância para o êxito da pesquisa. Apoiou-me nos momentos de dificuldade e despertou em mim a persistência. Sou imensamente grato por seu companheirismo.

Agradeço a todos os militares que contribuíram com minhas pesquisas, pois, sem o compartilhamento das experiências por eles adquiridas, este trabalho não seria possível. Demonstraram grande espírito de corpo e camaradagem ao disporem do próprio tempo para me auxiliarem. Em especial, agradeço ao meu orientador, que foi um grande incentivador e mentor em todas as etapas desse processo.

RESUMO

A TROPA COMO VETOR DE INTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES DE PAZ

AUTOR: Marcos Alexandre Polo

ORIENTADOR: Felipe Vaz de Freitas

O Exército Brasileiro participou de diversas Operações de Paz sob a égide da Organização das Nações Unidas (ONU). Entre tais operações, a MINUSTAH foi a que teve maior magnitude e impacto para a Força Terrestre, tanto externa quanto internamente. Durante os treze anos de execução de diversas tarefas e missões operacionais em solo haitiano, observou-se que a atividade de Inteligência teve papel fundamental no sucesso de tais operações. Para que a Inteligência fosse capaz de desempenhar seu papel e mantivesse os comandantes no nível mais adequado de consciência situacional, foi fundamental a utilização da tropa como vetor de inteligência. A tropa demonstrou grande potencial na coleta de dados, que foram úteis para as células de inteligência no processo de produção de conhecimento. Com isso, constatou-se que este é um potencial que pode ser objeto de pesquisa para que seja explorado adequadamente em missões futuras. O objetivo deste trabalho foi apresentar como a tropa pode ser utilizada nas atividades de coleta de dados de Inteligência, com base no que foi vivenciado na MINUSTAH. Estudou-se, dentro da doutrina militar terrestre e na doutrina de outros países, quais as previsões em manual quanto à utilização da tropa como vetor de inteligência em operações de paz, bem como as peculiaridades que poderiam se apresentar nesse ambiente. A partir dessas informações, foi feita uma pesquisa para verificar o emprego da doutrina na MINUSTAH e quais as oportunidades de melhoria que poderiam ser levantadas. Constatou-se que, durante a Missão, houve a designação de uma atribuição, o Oficial de Inteligência nível SU, que não está prevista em nenhum manual da doutrina militar terrestre. Os demais resultados também constataram o emprego constante da tropa na coleta de dados, bem como a consciência da importância dessa atividade no sucesso das operações. Foi proposto um subtópico, para o Manual de Campanha Operações de Paz, a fim de orientar quanto à atribuição (Oficial de Inteligência nível SU) no contexto desse tipo de operação.

Palavras-chave: MINUSTAH. Inteligência. Haiti. Tropa. Vetor de inteligência. Operações de Paz.

ABSTRACT

THE TROOP USED AS INTELLIGENCE VECTOR IN PEACE OPERATIONS

AUTHOR: Marcos Alexandre Polo

ADVISOR: Felipe Vaz de Freitas

The Brazilian Army has participated in many Peace Operations under the United Nations (UN) custody. Among such operations, the MINUSTAH had the most magnitude and impact to the Terrestrial Force, both externally and internally. During the thirteen years of execution of many tasks and operational missions in Haitian ground, It was observed that the intelligence activity had essential part in the operations' success. In order for Intelligence to be capable to perform its part and keep the commanders at the most appropriated level of situation awareness, It was essencial to use the troop as a intelligence vector. The troop demonstrated great potential in collecting information, which were useful to the intelligence cells in the knowledge production process. Accordingly, It was noticed that this potential could be an object of research in order to be explored appropriately in future missions. The purpose of this research is to present how troops can be used in intelligence collection activities, based on the experiences in MINUSTAH. It was studied, within the Army military doctrine and the doctrine of other countries, the manuals' concepts regarding the use of the troops as an intelligence vector in Peace Operations, as well as the peculiarities of this environment. Based in these informations, a survey was conducted to verify the application of the doctrine during the MINUSTAH and what opportunities of development that could be raised. During the mission, It was found that there were a designation of an assignment, the Company Intelligence Officer, which is not stated in any manual of the Army doctrine. Other results also evidenced the constant use of the troop in collecting information, as well as the conscience of this activity's importance in operations' success. It was proposed a subtopic for the Campaign Manual Peace Operations, in order to provide guidance about the assignment (Company Intelligence Officer) in this operation context.

Keywords: MINUSTAH. Intelligence. Haiti. Troop. Intelligence vector. Peace Operations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Ciclo de Inteligência-----14

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Importância da Inteligência no cumprimento das missões-----	21
Gráfico 2- Abordagem dos EEI antes do cumprimento de uma missão-----	22
Gráfico 3- Relatório específico relativo a coleta de dados de Inteligência-----	22

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Adj	Adjunto
Art	Artigo
BRABATT	Brazilian Battalion
CIMIC	Civil and Military Cooperation
Ch	Chefe
DOAI	Destacamento de Operações de Apoio à Informação
DOPAZ	Destacamento de Operações de Paz
EB	Exército Brasileiro
Elm	Elemento(s)
EEI	Elementos Essenciais de Inteligência
EM	Estado-Maior
GLO	Garantia da Lei e da Ordem
Grad	Graduação
Intlg	Inteligência
HUMINT	Human Intelligence
MINUSTAH	Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti
NI	Necessidade de Inteligência
ONU	Organização das Nações Unidas
Op Esp	Operações Especiais
Op Psc	Operações Psicológicas
Op Info	Operações de Informação
SCmt	Subcomandante
Seç	Seção
SU	Subunidade
UNIFIL	Força Interina das Nações Unidas no Líbano

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVOS	13
1.1.1 Objetivo geral	13
1.1.2 Objetivos específicos	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 MANUAL DE OPERAÇÕES DE PAZ	14
2.2 MANUAL DE FUNDAMENTOS DE INTELIGÊNCIA MILITAR TERRESTRE	15
2.2.1 Ciclo de Inteligência	16
2.3 AS NECESSIDADES DE INTELIGÊNCIA E OS EEI	17
2.4 A TROPA COMO VETOR DE INTELIGÊNCIA	18
2.5 EMPREGO DA TROPA NA MINUSTAH	20
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO	23
3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO	23
3.2 AMOSTRA	23
3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA	24
3.3.1 Procedimentos para a revisão da literatura	24
3.3.2 Procedimentos metodológicos	25
3.3.3 Instrumentos	25
3.3.4 Análise dos dados	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
4.1 EMPREGO DA TROPA COMO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	27
4.1.1 Relato de caso	29
4.2 PADRONIZAÇÃO DOS DADOS A SEREM EXPLORADOS	30
4.3 PROCESSO DE COLETA DE DADOS	32
4.4 FATORES DE SUCESSO	34
4.5 PROPOSTA: OFICIAL DE INTELIGÊNCIA NÍVEL SU	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE A	41

1 INTRODUÇÃO

O Exército Brasileiro teve a oportunidade de realizar diversas Operações de Paz ao longo de sua história, sobretudo a partir da criação da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1945. Desde então, a participação brasileira nas atividades da organização pode ser dividida em quatro períodos: 1947-1967; 1968-1989; 1990-1999, e 2000-2017.

O primeiro período diz respeito ao marco inicial do emprego de nossas tropas, que consistiu no desdobramento de cinco militares brasileiros nos Balcãs(1947-1949) e de um batalhão ao Suez (1956-1967). O segundo período é marcado pela ausência dos brasileiros nas missões, coincidindo com o regime militar no Brasil. A terceira fase configura-se no retorno às operações, com o envio de observadores militares em missões individuais e de efetivos para Angola, Moçambique e Timor Leste. Por fim, o último período destaca-se dos demais pelos grandes contingentes e pelas funções estratégicas desempenhadas em duas missões: a Força Interina das Nações Unidas no Líbano (UNIFIL) e a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) (HAMANN; TEIXEIRA; 2017).

Já somam-se, ao todo, 43 participações em missões de manutenção da paz, dentre as quais destaca-se, de maneira incontestável, a MINUSTAH. Essa missão teve grande relevância para o desenvolvimento do país, tanto do ponto de vista diplomático, quanto do ponto de vista militar. Os mais de dez anos de atuação das tropas brasileiras naquela nação da América Central, durante os anos de 2004 a 2017, permitiram um engrandecimento da nossa Força Terrestre e possibilitou a projeção de força do Brasil no âmbito internacional (HAMANN; TEIXEIRA; 2017).

As operações realizadas pelos militares que integraram os contingentes enviados ao Haiti tinham como objetivo atender ao que preconizava o Mandato expedido por meio da Resolução 1542 do Conselho de Segurança da ONU, de 30 de abril de 2004. O Mandato de uma Operação de Paz é uma autorização e uma diretiva para a tomada de ações específicas. Consiste na base legal para todas as ações e tarefas a serem executadas no tipo de operação definida, incluindo a autorização do uso da força (ONU, 2008).

Essa Resolução permitiu o início da coordenação entre o Brasil e a ONU para a execução da Missão, que se materializou por meio do Decreto Legislativo 207, aprovado em 19 de maio de 2004. Esse decreto autorizou a participação das Forças Armadas brasileiras na Missão de Paz, que em menos de 20 dias já enviava tropas para a América Central (FAGANELLO, 2013).

Dentre as ações realizadas pelas frações de Infantaria em solo haitiano, podemos destacar: patrulhas diurnas e noturnas (a pé ou motorizadas), pontos de bloqueio, pontos fortes e pontos de controle, proteção aproximada de autoridade, dentre outras de igual relevância (BRAGA, 2017).

Ao mesmo tempo, segundo Cepik e Kuele (2016), a tropa desempenhou uma função decisiva para o sucesso das missões: atuar como vetor de inteligência, fornecendo informações essenciais para a tomada de decisões no alto escalão do comando das operações.

A atuação da inteligência na MINUSTAH pode ser dividida em dois períodos. O primeiro, de abril de 2004 a novembro de 2006, foi marcado por uma deficiência significativa em inteligência, que se refletia principalmente na dificuldade encontrada em se conter as gangues de Porto Príncipe. No segundo momento, com a estruturação de um sistema de inteligência, “[...] a MINUSTAH conseguiu empregar operações contra as gangues, incluindo operações noturnas – pela primeira vez no âmbito da ONU – e pacificar Cité Soleil, favela de Porto Príncipe. “[...] A ONU empregou operações bem planejadas e bem executadas lideradas pela inteligência (intelligence-led operations) entre dezembro de 2006 e março de 2007, atingindo o efeito desejado[...]” (CEPIK; KUELE; 2016).

Portanto, a fim de buscar um melhor aproveitamento das atividades de inteligência nos níveis mais operativos, é oportuno problematizar a questão: de que maneira as tropas podem atuar como vetor de inteligência no contexto de uma operação de paz?

O questionamento se faz necessário diante das constatações quanto à atuação brasileira no Haiti. A MINUSTAH serviu como um grande aprendizado para as operações desse gênero, pois demonstrou o potencial da atividade de inteligência no âmbito da ONU, que pode ser observado na efetividade das atividades de inteligência em operações críticas de combate às gangues em Porto Príncipe no período de 2006 a 2007.

No entanto, segundo o Tenente-Coronel Clynon Silva de Oliveira, que esteve como oficial de assuntos civis na MINUSTAH durante o ano de 2007, não haviam solicitações específicas de inteligência do alto comando em direção aos batalhões (CEPIK; KUELE; 2016). As experiências obtidas nos treze anos de operação no Haiti evidenciaram a necessidade da difusão e do fluxo das atividades de inteligência e das informações obtidas tanto dos batalhões em direção aos escalões superiores, quanto destes em direção a tropa.

No entanto, essa Função de Combate ainda é pouco explorada pelos comandantes de fração em todos os níveis. Verifica-se, ainda, que existe um potencial de aprofundamento nessa

área do conhecimento por existirem poucas pesquisas que tratam sobre a inteligência na participação do Brasil nas missões de paz (ABDENUR; KUELE; FOLLY; MACEDO; 2017).

Buscar o aprimoramento da participação da tropa na coleta de informações de inteligência é de suma importância dentro de uma perspectiva de participação exitosa do Exército Brasileiro em missões de paz futuras, onde o país busca bons resultados para ganhar visibilidade no cenário internacional.

A elaboração desse projeto busca levantar a discussão quanto ao estabelecimento de um planejamento do emprego dos militares no nível tático que participam de uma Operação de Paz para que sejam capazes de alimentar o ciclo de inteligência, na fase de obtenção de dados. Espera-se contribuir, satisfatoriamente, com o desenvolvimento de diretrizes e modelos de relatório de patrulha alinhados especificamente com essas necessidades, visando o máximo de aproveitamento das informações que podem ser coletadas no campo de batalha.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Apresentar de que maneira as tropas podem atuar como vetor de inteligência no contexto de uma Operação de Paz, tendo como base o que foi realizado na MINUSTAH.

1.1.2 Objetivos específicos

- a. Descrever as atividades previstas em manual quanto ao planejamento e emprego da Inteligência Militar;
- b. Apresentar as propriedades da Inteligência Militar Terrestre;
- c. Analisar o emprego da tropa brasileira como vetor de Inteligência na MINUSTAH;
- e
- d. Apresentar oportunidades de melhoria ao Manual de Operações de Paz no tocante ao emprego da tropa como vetor de Inteligência.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A análise das ações praticadas pelos militares brasileiros nas operações de paz proporcionou a criação de um mais recente e atualizado Manual de Campanha Operações de Paz, o EB-70-MC-10.219, 3ª edição, 2017. Quanto a Inteligência Militar, o Exército Brasileiro dispõe de um Manual de Fundamentos EB20-MF-10.107 Inteligência Militar Terrestre, 2ª edição, 2015.

2.1 MANUAL DE OPERAÇÕES DE PAZ

O Manual tem como objetivos principais:

1.1.1 Apresentar os conceitos adotados pelo Exército Brasileiro para a participação brasileira em operações de paz.

1.1.2 Estabelecer procedimentos para a participação militar em operações de paz sob a forma de missões individuais ou por meio de frações constituídas (contribuição de tropas) (BRASIL, 2017, p.1-1).

Dentre os diversos aspectos abordados nesse Manual, as informações diretamente relacionadas ao emprego das tropas e aos aspectos de inteligência que possuem aplicabilidade neste trabalho são as apresentadas em “Execução das Operações de Paz”, constantes no Capítulo IV.

2.1.1 Execução das Operações de Paz

Esse tópico apresenta, primeiramente, os aspectos gerais a serem observados durante a execução das operações contra forças adversas, entendimento da situação em todos os níveis de comando, Elementos Essenciais de Inteligência (EEI) e tarefas essenciais. Na sequência, o enfoque é dado em sete subtópicos, dentre os quais abordaremos: “A coleta e a busca de dados em operações de paz” e “Atividades operativas”.

No contexto da execução das Operações de Paz, a reunião de dados deve ocorrer por meio da coleta, ou seja, os dados obtidos não podem ser protegidos por medidas de sigilo e segurança, e não podem exigir o emprego de técnicas especiais para aquisição. A forma de obtenção desses dados pode ocorrer por meio de atividades diversas, como: patrulhas de reconhecimento; informes das partes em conflito; contato com órgãos de comunicação social; postos de observação; contato com a população na realização de atividades de assistência ou apoio (ações de ajuda humanitária ou ações civil-militares); inspeções e verificações efetuadas pela Força; e interação com agências de ajuda humanitária (BRASIL, 2017, p. 4-11).

As atividades operativas são planejadas e autorizadas pelo comandante do componente militar, e para sua execução é essencial o conhecimento das Regras de Engajamento específicas da missão. Sua execução compreende a adaptação das Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) já existentes na doutrina do Exército ao contexto do mandato. Compreende as ações de: Patrulhamento Ostensivo; Reconhecimento; Ponto Estático; *Checkpoint* (Ponto de Averiguação); Posto de Segurança Estático (PSE); Ponto Forte (PF); Escolta de Comboio; Escolta de Autoridade; Busca e Apreensão; Cerco e Investimento; Controle de Distúrbios; Força de Ação Rápida; Garantia de Votação e Apuração; Segurança em Campos de Deslocados; e Apoio ao Programa Integrado de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração (BRASIL, 2017).

Na realização de todas essas atividades, é importante que ocorra a difusão dos dados e conhecimentos já obtidos para que haja uma continuidade nas ações de apoio a inteligência (BRASIL, 2017).

2.2 MANUAL DE FUNDAMENTOS DE INTELIGÊNCIA MILITAR TERRESTRE

Esse manual apresenta como principais finalidades:

[...] orientar o exercício da Atividade de Inteligência Militar (AIM) e a atuação dos órgãos integrantes do Sistema de Inteligência do Exército (SIEEx).

1.1.2 Apresentar os fundamentos doutrinários da Inteligência Militar (IM), bem como a abrangência das disciplinas de inteligência atualmente empregada em áreas de interesse da Força Terrestre (F Ter), influenciando nas operações militares (BRASIL, 2015).

Para a compreensão das atividades de inteligência desempenhadas pela tropa e por seus escalões superiores, faz-se necessário abordar o conceito de “Conhecimento de Inteligência”, que é todo e qualquer dado que foi processado, analisado e julgado relevante. Essa relevância se traduz na contribuição daquele dado para o entendimento do dispositivo e das intenções do inimigo, das considerações civis, do terreno e das condições meteorológicas. Tais conhecimentos são decisivos para a execução, por parte dos integrantes dos estados-maiores, dos Exames de Situação, que são parte fundamental de qualquer processo decisório (BRASIL, 2015).

Os procedimentos, meios e sistemas empregados para observar, explorar, armazenar e difundir informações referentes à situação, ameaças e outros fatores do entorno operativo são denominadas Disciplinas de Inteligência, as quais se classificam de acordo com a natureza da fonte ou do órgão que a explora. Dentro dessa classificação, abordaremos a Inteligência de

Fontes Humanas (Human Intelligence - HUMINT), que provém de informações e dados obtidos por fontes humanas.

As fontes provenientes da HUMINT “[...] podem ser amigas, neutras ou hostis, podendo ser prisioneiro de guerra, refugiado, deslocado, população local, forças próprias ou amigas e membros de instituições governamentais ou organizações de qualquer tipo” (BRASIL, 2015, p 3-1).

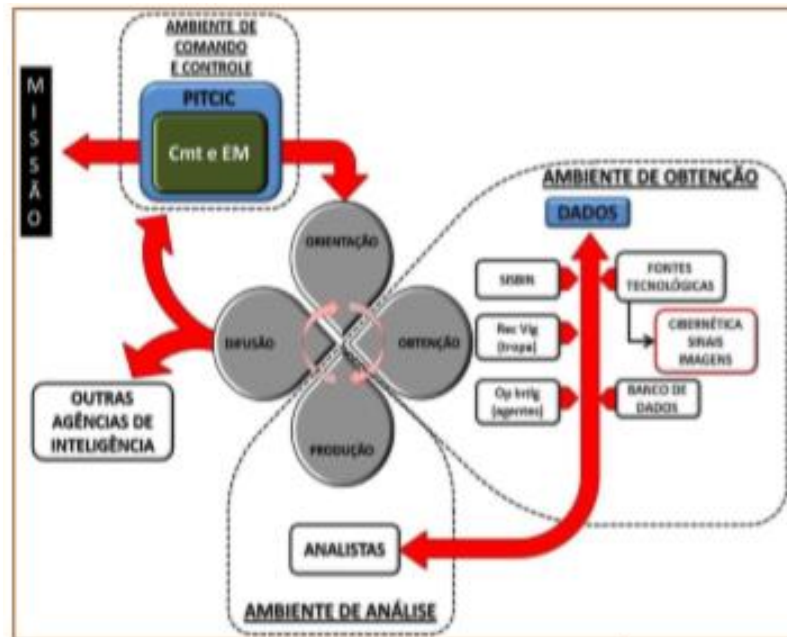
No nível tático, a Inteligência é essencial na formação da consciência situacional do comandante operativo, porque proporciona a este conhecer o ambiente operacional e as ameaças presentes. Os conhecimentos difundidos e salvaguardados são de curto alcance e dirigidos às necessidades imediatas do comandante tático, a fim de se realizar o planejamento e a condução das operações. Nesse nível, deve-se buscar o conhecimento detalhado das unidades dos oponentes, suas características técnicas de material, doutrina de ação de método de atuação; também deve ser realizado o levantamento das condições meteorológicas, das características do terreno e considerações civis relevantes a condução das operações (BRASIL, 2015).

2.2.1 Ciclo de Inteligência

As atividades realizadas pelas frações, no que tange ao fornecimento e coleta de dados a serem utilizados na produção de conhecimento para as operações, são parte integrante de um ciclo, denominado Ciclo de Inteligência. Este corresponde à sequência cíclica de atividades responsáveis por proporcionar a intensa atualização e divulgação das informações, que se divide em quatro partes: a orientação, a obtenção, a produção e a difusão. O ciclo deve ser constantemente realimentado, para que possa ser capaz de atender as necessidades de seu usuário de maneira satisfatória (BRASIL, 2015).

A tropa participa, nesse ciclo, nas fases de orientação e obtenção. Na fase de orientação, ela recebe as diretrizes do comandante, que estabelece as Necessidades de Inteligência (NI) em função da missão. Já na fase de obtenção, a tropa realiza as atividades nas quais é possível a coleta de dados e informações, que segue as orientações previstas no Manual Operações de Paz. Os dados e conhecimentos obtidos nessa fase são necessários para a produção dos conhecimentos de inteligência que ocorrem na fase seguinte (BRASIL, 2015).

Figura 1- Ciclo de Inteligência



Fonte: BRASIL (2015)

As tropas aptas a participarem dessa fase são, segundo o Manual EB70-MC-10.307, “As Unidades de todas as naturezas que, por sua localização ou missão, possam obter dados e informações que atendam às NI, poderão ser acionadas, participando, assim da fase de obtenção [...]”. Ainda, segundo o mesmo Manual, a fase de obtenção possui as seguintes etapas:

2.3.4.1 **Exploração** - exploração de fontes pelos órgãos de obtenção, para a aquisição de dados e de informações;

2.3.4.2 **Processamento** - transformação de dados brutos não processados, em dados e informações inteligíveis por intermédio de análises técnicas;

2.3.4.3 **Distribuição** - entrega oportuna dos dados e das informações processadas aos órgãos encarregados de sua análise (BRASIL, 2016).

2.3 AS NECESSIDADES DE INTELIGÊNCIA E OS EEI

O Manual de Campanha Planejamento e Emprego da Inteligência Militar apresenta o conceito de Necessidades de Inteligência, que possui a seguinte definição:

[...]conhecimentos específicos estabelecidos pelo comandante em função da missão a ser cumprida. As NI do comandante são satisfeitas pelos conhecimentos que ele precisa dispor, relativos ao terreno, inimigo, condições climáticas e meteorológicas e considerações civis, para cumprir a missão com êxito. Normalmente, a reunião de dados, informações e conhecimentos não é suficiente para satisfazer de imediato todas as NI. Por isso, os recursos empregados na atividade de obtenção são orientados para NI prioritárias. Dividem-se em duas categorias: Elementos Essenciais de Inteligência (EEI) e Outras Necessidades de Inteligência (ONI) (BRASIL, 2016).

As NI, portanto, são os conhecimentos prioritários para a tomada de decisão do comandante que devem ser produzidos pelas células de inteligência, as quais, por sua vez,

dependem da coleta de dados para sua execução. Dentro desse conceito, são definidos os Elementos Essenciais de Inteligência (EEI), que segundo o mesmo manual:

Os EEI são dados, informações ou conhecimentos imprescindíveis à produção de conhecimentos sobre as dimensões do Ambiente Operacional e sobre as possibilidades da ameaça, que o Cmt julga necessitar, em um determinado momento, para correlacioná-los com outros conhecimentos disponíveis, a fim de contribuir com o processo decisório que permita o cumprimento da missão (BRASIL, 2016).

Os EEI são responsáveis por traduzir as Necessidades de Inteligência mais relevantes, sejam relativas à ameaça ou às características da área de operações, o que engloba qualquer possibilidade de ameaça ou característica que possa causar elevados riscos à missão ou impeçam seu cumprimento. (BRASIL, 2016).

A definição e modificação dos EEI é de atribuição exclusiva do comandante, podendo também ser propostas pelo EM, por meio do Ch Seç Intlg. A quantidade e a natureza desses elementos variarão conforme o tipo, a fase da operação em vigor e a disponibilidade de conhecimentos de inteligência (BRASIL, 2016).

No Nível Tático, as Unidades recebem encargos específicos quanto a obtenção de dados, decorrentes da análise dos EEI e conseqüente determinação de seus desdobramentos. Isso ocorre tendo em vista a generalidade e amplitude que os EEI apresentam. Conforme a tropa recebe tais desdobramentos, fará a coleta de toda e qualquer evidência, positiva ou negativa, da atividade da ameaça ou de característica da área de operações, que possa influir na seleção de alguma linha de ação pelo comandante (BRASIL, 2016).

As propostas de EEI são repassadas aos escalões subordinados por meio de um Anexo de Inteligência relativo a uma determinada Ordem de Operações e por meio do Plano de Obtenção de Conhecimentos (POC), o qual é um documento de acesso restrito que registra as NI que estão sendo solicitadas as OM disponíveis para a coleta daqueles dados (BRASIL, 2016).

2.4 A TROPA COMO VETOR DE INTELIGÊNCIA

A doutrina do Exército Brasileiro constata o emprego de todos os seus integrantes na obtenção de dados de Inteligência como sendo parte integrante do processo de produção de conhecimento: “[...]todo integrante da Força Terrestre é um sensor que pode e deve levantar dados e informações e que, para tanto, contribui com o esforço de produção de conhecimento HUMINT” (BRASIL, 2015, p. 3-1).

Esse fundamento alinha-se com a doutrina norte-americana, que também percebe a relevância de se utilizar a tropa como meio de coleta de dados: “Todo membro da tropa é uma fonte potencial para a coleta de dados de inteligência. A tropa frequentemente tem contato com a ameaça, com a população civil ou com o meio ambiente” (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2006a, p.5-8, tradução do autor).

A doutrina norte-americana também constata o potencial pouco explorado da coleta de dados por parte das forças empregadas em combate:

As forças americanas têm muitas oportunidades de interagir com a população local no curso de suas funções durante as operações. Esta fonte talvez seja o recurso de coleta de inteligência mais subutilizado. Algumas forças como patrulhas de combate e reconhecimento, são rotineiramente encarregadas de relatar o que foi levantado. Outras, como equipes médicas ou engenheiros que têm um amplo contato com a população local, também devem ser empregadas (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2006, p. 5-5, tradução do autor).

Os manuais referentes ao emprego da tropa em Operações de Paz não preveem uma padronização para os militares quanto à coleta de dados durante as missões. No entanto, muitos projetos acadêmicos recentes voltaram-se para análise de como estariam sendo empregados os soldados na fase de obtenção de dados para o Ciclo de Inteligência, vislumbrando um maior aproveitamento dessa fonte em Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO).

Sendo o combatente, que integra os diversos pelotões da tropa empregada na linha de frente, o primeiro a entrar em contato com novas situações, é de extrema importância que ele saiba como lidar com novos fatos, e principalmente informar com exatidão o que foi presenciado (BERNARDES, 2017).

No atual cenário de Operações em Amplo Espectro, as informações obtidas no campo de batalha fazem-se essenciais no cumprimento da missão:

[...]concluindo-se que na opinião dos militares questionados é extremamente importante a coleta de dados de Inteligência dos Comandantes de fração da SU e a transmissão desses dados do Comandante de SU à 2a Seção da Unidade em uma Operação de GLO e que influencia no sucesso da missão a ser cumprida [...] (JÚNIOR, 2018).

Verifica-se também a preocupação de se instruir adequadamente o soldado quanto a observação e transmissão correta dos dados a serem coletados durante as operações:

“É muito conveniente que a tropa, ou pelo menos algumas de suas frações, tenha instrução de técnicas HUMINT básicas com a finalidade de agilizar a obtenção da informação” (BRASIL, 2015).

“Embora muitos indivíduos relatem suas informações na forma de informações de combate, muitos não relatam a informação, não percebem sua importância ou não sabem como reportar as informações importantes que presenciaram” (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2006a, p.5-8, tradução do autor).

Os dados levantados pelos militares de Inteligência são especializados e visam diminuir as incertezas quanto ao terreno e ao inimigo. No entanto, esses militares não conseguem estar em todos os locais de interesse ao mesmo tempo. Nesse cenário, a tropa, que se faz presente em todo o campo de batalha, deve ser aproveitada para transmitir ao escalão superior informações que podem auxiliar na tomada de decisão do comandante (BERNARDES, 2017).

2.5 EMPREGO DA TROPA NA MINUSTAH

Segundo Borges (2019), a Missão brasileira encontrou o seguinte contexto psicossocial no Haiti no momento de sua chegada: “[...]em 2004 o Brasil recebeu convite para liderar a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), momento em que o Haiti passava por graves questões políticas e sociais, onde gangues rivais promoviam desordem e insegurança nas ruas da capital Porto Príncipe.”

A fim de atingir os objetivos propostos para a Missão, pautados nos princípios de uma Op Paz, a tropa brasileira devia manter uma conduta descrita por Júnior (2019):

As Op Paz devem ter pautadas pela iniciativa das ações, evitando-se uma postura defensiva. As tropas devem agir preventivamente, por meio do uso da força adequado, de modo a neutralizar as ameaças, antes que elas sejam capazes de atuar sobre os contingentes de tropa. Deve-se buscar as operações noturnas, para que as vantagens operacionais das tropas regulares sob a égide da ONU explorem a vantagem das capacidades que dispõem, e não deixar para as forças adversas decidirem quando, onde e como irão atacar as tropas das Nações Unidas, ou a civis. Baixas fatais de militares raramente ocorrem quando os comandantes de fração atuam por meio da liderança, oportunamente. As perdas são mais evidentes pela inação. As restrições das regras de engajamento não podem ser justificativas para que deixar de utilizar a força, quando necessário (CRUZ et al, 2017 p.5).

No início da Missão, as Forças Armadas brasileiras enviaram para o Haiti um Batalhão de Infantaria (BRABATT) e uma companhia de engenharia (BRAENGCOY), cuja composição e efetivos variaram de acordo com as circunstâncias enfrentadas no decorrer das missões, em especial quando ocorreu o terremoto no Haiti. O BRABATT, sigla em inglês para denominação do batalhão, era composto por:

- Comando - um comandante e um subcomandante;
- Estado-maior combinado (EMC) – constituído pelas ações pessoal, inteligência, planejamento e operações, logística, comando e controle, assuntos civis e comunicação social;
- Uma companhia de comando e apoio (Cia C Ap); e
- Quantidade variável de subunidades (SU) operacionais - no caso do batalhão brasileiro, há 03 Companhias de Fuzileiros (Cia Fuz), 01 Esquadrão de Cavalaria (Esq Cav), um Pelotão de Polícia do exército (Cia PE) e um Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (Gpt Op Fuz Nav). (CABAÑA, 2019)

Ainda segundo Borges (2019), As tropas brasileiras desempenharam diversas tarefas operacionais, dentre as quais podemos destacar:

- Conduzir atividades de busca, patrulhamento, observação, supervisão, monitoração e relato de situações;
- Conduzir operações tipo polícia;
- Evacuar áreas;
- Desdobrar preventivamente a força;
- Estabelecer e manter áreas de segurança;
- Participar na desmobilização, desarmamento e reintegração (DDR) de facções litigantes;
- Dentre outras.

Para que fosse alcançado êxito na execução dessas tarefas, o estabelecimento de pontos fortes proporcionou ótima solução. O ponto forte consiste numa base fixa ou temporária que é implantada em área vermelha (área de ação do oponente). A base fixa deve ser estabelecida quando não houver tempo determinado para a saída dos militares e, com isso, será mais bem preparada e protegida; enquanto que as bases temporárias apresentam tempo curto e determinado para sua permanência, exigindo menor preparação e tendo como prioridade as medidas de segurança (BORGES, 2019).

O ponto forte fora empregado como instrumento no qual a tropa uma tropa se estabelecia num imóvel local, a partir do qual eram deflagradas diversas operações, buscas, defesas contra ações inimigas ao passo que, após certo período, o local tornava-se pacífico. “O General Augusto Heleno Ribeiro Pereira (primeiro comandante do componente militar da MINUSTAH) e o Coronel Adilson Mangiavachi (comandante do 3º contingente) caracterizaram o ponto forte como sendo o ponto de inflexão do rumo das operações no Haiti” (BORGES, 2019).

Certas formas de emprego e características da atuação brasileira podem ser destacadas dos treze anos de atuação brasileira no Haiti, dentre as quais citamos:

- Emprego do Destacamento de operações de paz (DOPAZ, militares de Forças Especiais e Comandos) e do Destacamento de Operações Psicológicas (DOP, em alguns momentos DOAI) como elementos de manobra do BRABATT foram utilizados como multiplicadores do poder de combate; elemento de montagem de rede de informantes e busca de informes; meio para conquista do apoio da população e mudança de imagem da MINUSTAH (força de ocupação por força de ajuda humanitária); e difusor de técnicas operacionais para a tropa.
- Emprego da massa nas ações críticas - emprego de efetivos sempre superiores à ameaça, usando como elemento básico de emprego a subunidade e a concentração de grandes efetivos em uma pequena área foram fatores que proporcionaram sucesso tático nas ações dos contingentes.

- Emprego adequado da inteligência operacional - uso de meios de vigilância terrestre, veículos aéreos não tripulados e levantamento de área, bem como busca de informes por meio do uso de informantes e colaboradores proporcionaram ao CONTBRAS informações atualizadas do ambiente operacional.

- Ênfase nas ações humanitárias - seria impossível dissociar as atividades operacionais das atividades humanitárias desenvolvidas, em sua maior parte, por iniciativa dos próprios contingentes brasileiros no país amigo. Tais atividades proporcionavam não apenas o apoio da população, mas também uma compreensão maior ao soldado das carências do povo haitiano (PALMA, 2018).

As muitas formas de emprego e atuação das Forças Armadas brasileiras na MINUSTAH trouxeram impactos profundos no legado profissional deixado ao Exército Brasileiro, que foi potencializado com o sistema de rodízio de contingentes. Diversos escalões hierárquicos tiveram a oportunidade de travar contato com um ambiente operacional assimétrico, real, complexo e no exterior, beneficiando a aproximadamente 37.000 militares ao longo de toda a Missão e que constituirão elemento multiplicador das experiências adquiridas (PALMA, 2018).

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO

O objetivo principal da pesquisa é constatar a forma como a tropa, no seu nível tático, fora empregada como vetor de inteligência durante a MINUSTAH, acusando as principais ações e orientações realizadas pelos comandantes de Unidade e Subunidade a fim de utilizar a tropa como ferramenta de coleta de dados.

Constatou-se que existem poucos trabalhos com o enfoque na parte de inteligência relativa a essa Missão de Paz. A pesquisa visa proporcionar novas perspectivas quanto ao emprego da tropa nessa atividade, o que pode favorecer seu emprego como vetor de inteligência em Operações de Paz futuras.

Os militares contribuintes com a pesquisa integraram contingentes de MINUSTAH entre os anos de 2004 a 2017, ou seja, foram abordados militares dos mais diversos contingentes enviados no decorrer de toda a Missão de Paz.

O alcance esperado da pesquisa foi de explorar o emprego dos comandantes nos mais diversos níveis hierárquicos, verificando a participação direta ou indireta destes nas decisões e na transmissão de ordens para os subordinados.

3.2 AMOSTRA

A pesquisa teve como amostra os elementos responsáveis por receber as diretrizes dos órgãos de inteligência e repassá-las adequadamente a todos os envolvidos no processo cíclico de produção e difusão dessa ferramenta decisiva para o sucesso das operações. Ao mesmo tempo, foram abordados os subcomandantes de companhia dos batalhões constituídos, para verificar como os elementos responsáveis pela inteligência no nível tático desempenhavam suas atribuições. Além disso, demais oficiais, não envolvidos diretamente com funções relativas a inteligência, também apresentaram sua participação no processo de coleta de dados ao lado de suas respectivas frações.

Decidiu-se tomar como amostra elementos que se apresentassem tanto direta quanto indiretamente como partes do processo de recebimento de diretrizes e transmissão dos desdobramentos dos Elementos Essenciais de Inteligência para as frações empregadas diuturnamente nas ações táticas. A amostra é não-probabilística, ou seja, os elementos foram escolhidos intencionalmente a fim de esclarecer e levantar informações necessárias que não possuem registro bibliográfico até a presente data. Dessa forma, ao menos um militar

representando cada posto hierárquico no período em que esteve na Missão participou da pesquisa, sendo:

- 2 do posto de Coronel;
- 2 do posto de Tenente-Coronel;
- 5 do posto de Major;
- 2 do posto de 1º ou 2º Tenente;
- 1 de graduação Subtenente/Sargento.

3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa adotada apresenta o método de abordagem hipotético-dedutiva, pois, por se tratar de uma missão que se estendeu por um longo período, seria inviável a aplicação de questionários para militares de todos os contingentes que estiveram no Haiti, o que provocou a aplicação do questionário a um pequeno e variado grupo, sob os quais serão analisadas as repostas dadas e, a partir delas, conclusões serão deduzidas.

Quanto ao tipo de pesquisa, foi do tipo básica, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, utilizando-se de levantamento de campo, porque como se trata de uma amostra que detém informações e experiências relevantes para as análises que foram propostas, cada dado obtido deve ser explorado e aproveitado para que se conquiste a compreensão da missão como um todo.

Foi empregada a técnica de questionário para a obtenção dos dados de pesquisa, com abertura para respostas amplas e que permitem o compartilhamento da perspectiva do participante, que também é induzido a produzir análises quanto ao emprego da tropa nas atividades de inteligência.

3.3.1 Procedimentos para a revisão da literatura

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica por meio da consulta a manuais de doutrina do Exército Brasileiro e manuais pertencentes ao exército dos Estados Unidos da América com o objetivo aprofundar os trabalhos acadêmicos que tratam da importância da inteligência no sucesso das operações, dando enfoque no papel desempenhado pela tropa nesse contexto operacional. Os levantamentos foram feitos por meio das palavras-chave: Inteligência; tropa; Operações de Paz; MINUSTAH; coleta de dados.

3.3.2 Procedimentos metodológicos

A análise dos dados terá como objetivo compilar as informações adquiridas pelos militares que estiveram desempenhando as atividades de inteligência para afirmar os procedimentos que foram realizados e encontrar oportunidades de melhoria na coleta e difusão das informações. O foco será dado às ideias produzidas pelo questionário, sem objetivar a coleta de dados estatísticos.

Os depoimentos e respostas coletados na pesquisa, aliados às produções científicas que tratam da utilização da tropa como vetor de inteligência, farão parte do processo de dedução para se alcançar todas as possibilidades de desenvolvimento da atividade, tenham sido estas praticadas anteriormente ou não pelas tropas brasileiras.

3.3.3 Instrumentos

Foi produzido um questionário digital, constante no Apêndice A deste trabalho, para a coleta dos dados necessários à pesquisa. O questionário visa fornecer informações para a elaboração de uma pesquisa qualitativa no que tange à abordagem das atividades de Inteligência nos diversos escalões de atuação da tropa durante sua atuação na MINUSTAH.

As questões compreendem dados relativos a identificação, atribuições recebidas quanto a inteligência no período em que esteve na missão, e considerações extras, que abrem discussões observadas e julgadas pertinentes pelo próprio militar.

3.3.4 Análise dos dados

Os procedimentos para a análise dos dados envolvem uma profunda exploração das considerações e depoimentos produzidos pelos elementos da amostra. As perguntas abertas permitirão um tipo de análise subjetiva, enquanto que as perguntas objetivas permitirão verificar se há consenso na amostra no que diz respeito a conceitos sensíveis previamente observados nas análises preliminares.

Como disposto anteriormente, o tipo de pesquisa realizada é a qualitativa, portanto não há ênfase dos dados estatísticos e no seu tratamento e sim, na exploração das respostas e depoimentos recebidos no questionário. Pontualmente, serão feitas considerações quantitativas a fim de aproveitar plenamente as informações adquiridas na pesquisa.

A análise dos resultados obtidos consiste em comparar as respostas dos militares interpelados com o que está previsto nos manuais que norteiam as normas e procedimentos a

serem realizados em um contexto de Operação de Paz. Com isso, é possível identificar os pontos positivos e as oportunidades de melhoria na forma de emprego da tropa, para que esta esteja mais preparada para o tipo de operação em questão.

Além disso, pode-se avaliar se a doutrina militar terrestre está atendendo às peculiaridades daquele aquele tipo de operação, a fim de apresentar, caso necessário, sugestões de aperfeiçoamento e correção das normas e procedimentos padronizados pelo Exército Brasileiro.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com as informações obtidas no questionário, verificaram-se os aspectos em comum entre as experiências vividas por cada um dos entrevistados, com direcionamento às atividades destinadas a coleta de dados para a produção de conhecimento de inteligência. Cada questão formulada pode induzir a uma conclusão quanto as ações desempenhadas ou não pela tropa, confrontando a forma que esta foi empregada com o que está previsto nos manuais da Força Terrestre.

4.1 EMPREGO DA TROPA COMO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Dentre os integrantes da amostra, foi quase unânime a percepção que os militares tiveram, durante ou após a missão, de que a tropa é um importante instrumento de coleta de dados, os quais foram essenciais no cumprimento das missões. Esta constatação pode ser verificada em vários depoimentos.

Por exemplo, de acordo com o Coronel R1 Alfredo Santos Taranto, que participou primeiramente como Ajudante de Ordens do Force Commander e depois como Oficial de Inteligência da Célula de acompanhamento de alvos da MINUSTAH:

É importante ressaltar que toda patrulha operacional era também um importante instrumento de coleta de informes a serem analisados pelas células de Inteligência de cada Batalhão desdobrado. Estes informes eram diariamente repassados a MINUSTAH que os consolidavam em um outro nível.

Outro depoimento em que se pode verificar tal compreensão quanto esse aspecto é o fornecido pelo Coronel Disney Rodrigues Borges Barreto, que integrou o 1º contingente do BRABATT no ano de 2013: “Os dados coletados pela tropa foram fundamentais para ratificar ou retificar o conhecimento sobre a área de operações. Tais ações colaboraram sobremaneira para a manutenção de níveis adequados de consciência situacional aos Comandantes em todos os níveis”.

O Coronel Glauco Corbari Corrêa, que participou da Missão no 10º Contingente como Adjunto G9 (CIMIC), com funções de integração de informações que contribuíram para o Sistema de Inteligência (operações de Informação), foi mais adiante e detalhou a forma como esses dados coletados pela tropa foram aproveitados no âmbito do planejamento e execução das missões no Haiti:

Vale ressaltar que, no nível tático de uma missão dessa natureza, todos os militares são, lato senso, agentes de inteligência. Isso significa dizer que todas as informações

coletadas servirão para formar o mosaico (a "big picture") da Célula de Inteligência, que permitirá assessoramento mais acertado e oportuno ao Comando do Batalhão, redundando em Operações (cinéticas ou não cinéticas) direcionadas para atingir os Objetivos, tanto do Batalhão quanto do Mandato da Missão. Nesse sentido, as Op Info são de grande valia, uma vez que integram e relacionam sistemas de outras áreas, como CIMIC, Guerra Eletrônica, Op Psc, Op Esp, etc., além da Inteligência, obviamente. Sendo assim, uma "simples" patrulha de um GC ou Pelotão poderá fornecer dados/informações de importância para construção da visão geral do ambiente, influenciando nas decisões do Comando.

Segundo o Coronel Marcos André Benzecry, que atuou no 23º Contingente, na função de Adj G2:

O DOPAZ, DOAI e as SU foram sempre demandados com NI. Em geral toda fração/missão carregava consigo a necessidade de se atuar como um vetor de Inteligência, mesmo quando não havia nada específico. Cada um desses vetores tinha sua capacidade própria e peculiar de operar, sendo a coleta a base para o trabalho de análise e integração na célula do G2. [...] Todos os vetores são de suma importância. Nem sempre o dado que faltava virá da tropa mais especializada. O papel da SU tem grande relevância, pois são os que estão diariamente em contato nas ruas com as diversas situações.

Ainda, segundo o Coronel:

Na MINUSTAH éramos carentes de imagens e sinais, então buscou-se suprir tal lacuna com a vertente humana. Como os bons resultados tendem a vir da integração, jamais desconsiderar a capacidade de coleta da tropa, porém é preciso haver muita instrução e orientações específicas sobre os procedimentos. [...] Todos os vetores são de suma importância. Nem sempre o dado que faltava virá da tropa mais especializada. Os dados coletados pela tropa foram fundamentais para ratificar ou retificar o conhecimento sobre a área de operações. Tais ações colaboraram sobremaneira para a manutenção de níveis adequados de consciência situacional aos Comandantes em todos os níveis.

Analisando este último depoimento, nota-se a consciência geral dos militares que participaram da MINUSTAH quanto à sua capacidade de contribuir para o Ciclo de Produção de Conhecimento de Inteligência e quanto à importância que essa Função de Combate possui para o êxito das missões, o que potencializou o emprego da tropa na atividade de coleta de dados.

Além disso, essas observações, feitas por Oficiais que participaram da MINUSTAH em diferentes Contingentes e em diferentes funções, estão em conformidade com o Manual de Fundamentos de Inteligência Militar Terrestre, que afirma que: “[...]todo integrante da Força Terrestre é um sensor que pode e deve levantar dados e informações e que, para tanto, contribui com o esforço de produção de conhecimento HUMINT” (BRASIL, 2015, p. 3-1) e com o Manual Norte-americano FM 2-22-3: “Todo membro da tropa é uma fonte potencial para a coleta de dados de inteligência. A tropa frequentemente tem contato com a ameaça, com a

população civil ou com o meio ambiente” (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2006a, p.5-8, tradução do autor).

Verifica-se, portanto, que há um alinhamento tanto da Doutrina militar brasileira quanto da Doutrina militar norte-americana no que diz respeito ao emprego na tropa para alimentar o processo de produção de Conhecimento de Inteligência. Observou-se, também, que havia uma consciência geral quanto a importância da Inteligência no sucesso das operações e na Missão como um todo, conforme resultado obtido por meio do questionário e explicitado no gráfico a seguir.

Gráfico 1- Importância da Inteligência no cumprimento das missões



Fonte: AUTOR (2020)

A consciência geral dos militares que participaram da MINUSTAH quanto à sua capacidade de contribuir para o Ciclo de Produção de Conhecimento de Inteligência e quanto à importância que essa Função de Combate possui para o êxito das missões potencializou o emprego da tropa na atividade de coleta de dados.

4.1.1 Relato de caso

O Major Thiago Caron da Silva, que integrou o BRABATT 2/15, de setembro de 2011 a abril de 2012, atuando como Oficial de Inteligência do batalhão, na época no posto de capitão, relatou uma situação vivenciada durante o período de atuação na MINUSTAH no qual os dados coletados pela tropa foram essenciais para o cumprimento da missão:

Para a missão criamos um modelo de relatório de patrulha com elementos essenciais de informação para alimentar o Levantamento Estratégico de Área (LEA). Esse documento orientava todo o processo de integração do terreno, condições

meteorológicas, inimigo (forças adversas) e considerações civis necessários para as operações. A tropa atuava como elemento IVR, coletando informações de inteligência, vigilância e reconhecimento. Além do LEA, preparávamos o Anexo A, de inteligência, para as operações, atualizando o LEA (semestral) com informações mais precisas. Os dados obtidos pelas patrulhas (IVR), somados às outras fontes de inteligência, eram processados no módulo analista (programa de processamento de dados), permitindo a geração de um anexo A para qualquer operação na área de responsabilidade em cerca de uma hora. Na primeira grande operação que realizamos, fizemos um cerco e um investimento. O horário de fechamento do cerco foi 0530h. Por volta das 0600h passamos a ter um grande problema. Boa parte da população estava retornando dos cultos religiosos e precisavam trocar de roupa (usavam as melhores para o culto) e buscar seu sustento ou trabalho. Como no cerco ninguém entra e ninguém sai, o impacto da operação sobre a população foi extremamente negativo, dificultando operações futuras, inclusive de inteligência. Não havia nenhuma informação no LEA que recebemos do contingente anterior e aprendemos da pior forma. Esse EEI foi inserido nos relatórios de patrulha e mapeamos cultos e horários por célula de reconhecimento (divisão reduzida da área de operações com cerca de 500m²), além da localização da residência dos frequentadores (aproximada). Isso permitiu uma melhora significativa no LEA e nos anexos A subsequentes. Na operação seguinte fechamos o cerco às 1400h, com um resultado muito mais eficiente em termos de captura de força adversa, pouco impacto na vida da população e associação com atividade CIMIC (coordenação civil militar) na escola da área, com distribuição de água e alimentos.

Esse exemplo prático exemplifica uma aplicação do emprego da tropa na coleta de dados que são imprescindíveis para que os objetivos das missões sejam atingidos de maneira satisfatória, bem como a flexibilidade desse tipo de coleta, por não necessitar de material específico para busca das informações.

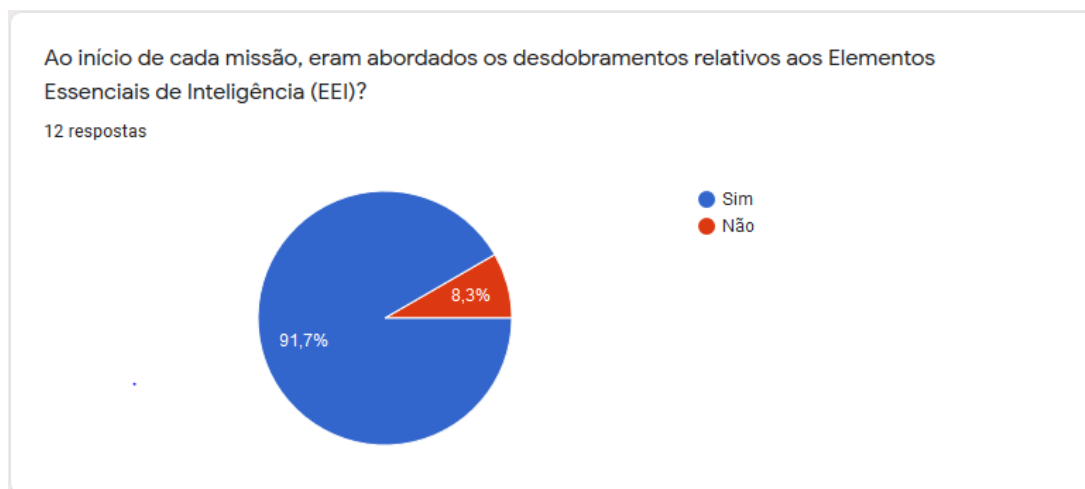
4.2 PADRONIZAÇÃO DOS DADOS A SEREM EXPLORADOS

A padronização dos dados a serem explorados e coletados durante as missões seguia as orientações fornecidas nos briefings, conforme depoimento do Coronel Disney Rodrigues Borges Barreto, que integrou o 1º contingente do BRABATT no ano de 2013:

Durante os briefings, antes da saída para o cumprimento de missões, eram lembrados os Elementos Essenciais de Inteligência pertinentes, bem como os demais aspectos e características especiais da tarefa que poderiam ensejar algum tipo de produção de conhecimento de inteligência por parte da tropa.

O procedimento de abordagem dos desdobramentos relativos aos EEI no momento anterior à partida para a execução da missão foi confirmado por quase todos os militares que responderam ao questionário, conforme explicitado no gráfico a seguir.

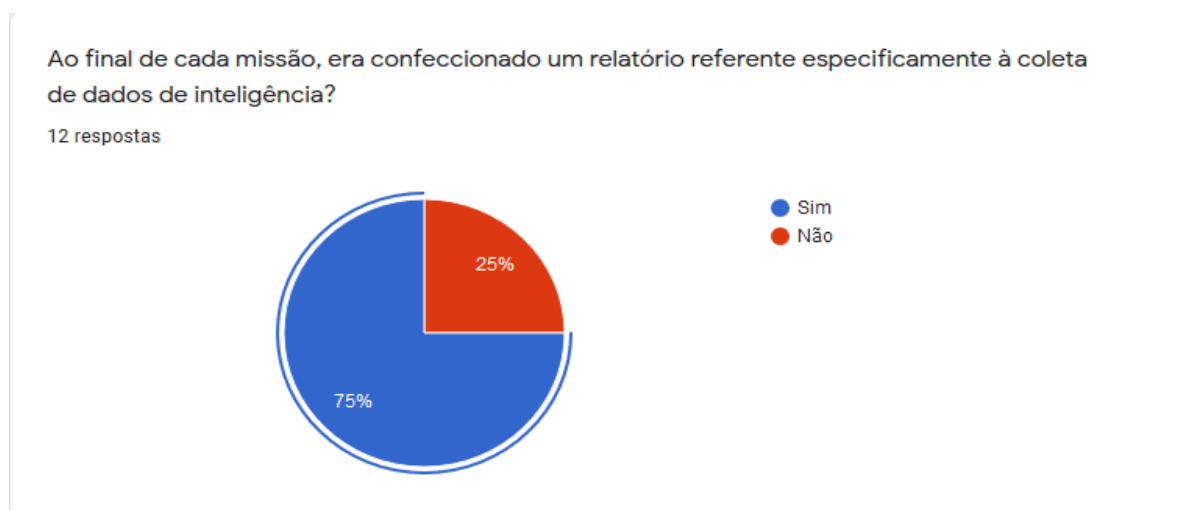
Gráfico 2- Abordagem dos EEI antes do cumprimento de uma missão



Fonte: AUTOR (2020)

Todos os participantes da pesquisa relataram que os dados de inteligência coletados durante as missões eram repassados ao escalão superior. No entanto, de acordo com o nível hierárquico, não se alcançava uma padronização do que deveria ser explorado durante as missões, e ao alcançar os níveis mais baixos, não havia a confecção de um relatório referente especificamente à coleta de dados de Inteligência, sendo os dados obtidos repassados por vezes verbalmente. Essa constatação foi possível pelo resultado de uma das questões do questionário, exposta a no gráfico a seguir.

Gráfico 3- Relatório específico relativo a coleta de dados de Inteligência



Fonte: AUTOR (2020)

De acordo com o Manual de Campanha Planejamento e Emprego da Inteligência Militar, “Os dados obtidos pelos meios de obtenção serão respondidos, por meio de informes,

relatórios ou outros documentos, para o Comando que expediu o documento, que irá analisá-los e integrá-los em novos conhecimentos” (BRASIL, 2016).

Apesar de a confecção de relatórios específicos de coleta de dados de inteligência não ter sido uma prática unânime dentro de todas as frações, no nível subunidade havia um militar encarregado da produção periódica desses documentos e os encaminhavam ao escalão superior. A descrição desse encargo e a forma como esses dados eram transmitidos serão abordados no tópico subsequente.

4.3 PROCESSO DE COLETA DE DADOS

O processo de coleta de dados realizado pela tropa (Nível Tático) e posterior remessa desses para os elementos responsáveis pela produção do Conhecimento de Inteligência seguia uma Cadeia de Comando que coordenava e compilava as informações adquiridas de forma a serem aproveitadas adequadamente.

As diretrizes e padronizações dos procedimentos a serem adotados, nos mais diversos escalões, eram transmitidas por meio da Seção de Inteligência da Missão, a cargo do G2. De acordo com o Coronel Marcos André Benzecry, que atuou no 23º Contingente, na função de Adj G2:

Haviam reuniões semanais ou quinzenais com cada um desses Elm de Intlg. No caso da SU, o SCmt Cia atuava como Of Intlg [de sua respectiva subunidade]. As reuniões serviam para fornecer uma atualização do cenário, padronização de alguns procedimentos, receber dados e determinar Necessidades de Inteligência em função de algumas demandas operacionais.

Os dados coletados pela tropa durante a missão eram repassados aos escalões acima por meio de uma estrutura coordenada pelos subcomandantes de cada subunidade do BRABATT, conforme explica o Coronel Ricardo Pereira de Araújo Bezerra, comandante do 23º Contingente brasileiro: “No escalão subunidade, foi fundamental se criar uma estrutura de Produção de Conhecimento que era conduzida pelo subcomandante, com um canal técnico estabelecido com a 2ª Seção do Batalhão”.

As companhias, por meio de seus subcomandantes, se reportavam à 2ª Seção do Batalhão, a qual, segundo o Coronel Ricardo, “[...] definia os dados a serem buscados, estruturados em um Plano de Obtenção do Conhecimento, sempre baseado no Plano de Inteligência aprovado pelo comandante do Batalhão”.

No entanto, não há previsão em qualquer manual da doutrina militar da Força Terrestre quanto a atribuição dos SCmts de Cia como Oficiais de Inteligência da SU em contexto de

Operações de Paz. A ausência da previsão de um militar como responsável especificamente pela coleta e compilação dos dados coletados ao final das missões diminui a exploração das capacidades de utilização da tropa como vetor de Inteligência, porque, sem um militar com essa atribuição específica, a atividade pode ser negligenciada. Essa lacuna também foi constatada por outros autores ao tomarem como objeto de estudo as Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) executadas em âmbito nacional.

As Operações de GLO compreendem ações semelhantes às realizadas pelas tropas brasileiras no Haiti, dentre as quais podemos citar, conforme Brasil (2018):

- Patrulhamento ostensivo;
- Ocupação de pontos fortes;
- Interdição e evacuação de área;
- Tarefas de escolta;
- Bloqueio e controle de vias.

O ambiente em que se aplica esse tipo de operação também se assemelha ao encontrado por nossas tropas na MINUSTAH, porque, de acordo com Brasil (2018), se tratam de operações realizadas em áreas edificadas e de alta complexidade situacional, que apresentam como característica marcante a multiplicidade de vetores civis e militares. Isso nos permite aplicar as considerações produzidas quanto àquele tipo de operação no estudo do tratamento da coleta de dados no âmbito de uma SU, seja em Op GLO ou em Op Paz.

Conforme pesquisa conduzida por ROSSINI (2019), verifica-se que em operações de GLO realizadas em operações dentro do nosso território também há a necessidade de se prever uma responsabilidade a um militar da SU que compile as informações obtidas pelos elementos em maior contato com a população civil, os Grupos de Combate.

No contexto das operações por ele analisadas, os GCs constituídos realizavam a coleta dos dados de inteligência, mas estes eram repassados, em sua maioria, apenas verbalmente ao comando da SU, que ficava encarregado de dar o tratamento devido àqueles dados que poderiam ser relevantes para operações futuras (ROSSINI, 2019).

Diante do exposto acima,

[...] foi verificada a grande importância que os Oficiais, comandantes e “decisores” em vários níveis de decisão, deram a essa coleta, inclusive destacando alguns elementos de suas frações especificamente para a tarefa de gerir os dados, como em uma Célula de Inteligência nas SU, não prevista, ainda, em nenhum Manual. (ROSSINI, 2019).

Os GCs, dentro de suas respectivas frações da SU, têm capacidade de coleta de dados muito úteis para o andamento das missões, como relatado por JÚNIOR(2018), os quais, de acordo com pesquisa conduzida por esse autor, têm capacidade de obtenção de dados como:

- Fotos das principais ruas e vielas identificadas com a geolocalização
- Material apreendido (armamento, drogas e etc.)
- Elementos detidos
- Disparos de armamento de fogo realizados
- Disparos de armamento não letal realizados
- Possíveis locais de venda de drogas (boca de fumo)
- Locais com obstáculos artificiais para dificultar a progressão da tropa a pé ou De veículos blindados
- Locais com posições fortificadas (muros de concreto, seteiras) (JÚNIOR, 2018).

Ainda dentro do estudo realizado por JÚNIOR(2018), verifica-se que a tropa acredita ser mais apropriado transmitir os dados obtidos nas missões ao comando da SU verbalmente (cerca de 57% da amostra). Essa informação evidencia a responsabilidade do comando da SU em compilar esses dados de maneira concisa e de repassá-los corretamente ao comando do Batalhão.

Esses esclarecimentos foram apresentados para reforçar o potencial que a tropa possui na obtenção e coleta de dados de inteligência que podem ser cruciais para o sucesso das Operações de Paz futuras. Tal constatação nos leva a concluir que existe a necessidade da criação de um tópico, em manual, que apresente a função de Oficial de Inteligência da SU, bem como suas principais atribuições, no contexto de uma Operação de Paz.

Decidiu-se, portanto, propor uma sugestão de tópico a ser inserido no Manual de Campanha Operações de Paz (EB70-MC-10.219), a fim de produzir uma padronização quanto a preparação e orientação das subunidades quanto as peculiaridades desse tipo de operação.

4.4 FATORES DE SUCESSO

Segundo o Capitão Thiago Alberto Sodré Roque, que participou da MINUSTAH integrando o BRABATT 12 (2010) como Comandante de Pelotão e o BRABATT 20 (2014) como SCmt SU, para que o emprego da tropa como vetor de inteligência seja eficaz, existem alguns “fatores de sucesso” que devem ser levados em consideração no planejamento e execução dos procedimentos de coleta e transmissão dos dados obtidos. Os fatores são:

1. Desenvolvimento da consciência de todos os militares quanto a importância de se observar e relatar todos os detalhes e situações presenciados durante as missões, incentivando-os a serem participativos no processo de coleta de dados.

2. Criação de uma rotina de briefings antes e após as missões abordando os desdobramentos dos EEI, para que a atividade de inteligência se faça presente na realização das tarefas e, com isso, a coleta de dados seja incorporada integralmente nas ações da tropa.
3. Conscientização dos militares de que um dado, aparentemente simples e sem relevância clara para o militar que o coleta, pode ser essencial na construção do conhecimento de inteligência por parte do escalão superior.
4. Estabelecimento de um canal de comunicação aberto, por parte do SCmt SU, com todos os militares da subunidade, a fim de que seja estabelecido um fluxo direto e limpo de dados que proporcionará um maior aproveitamento destes.

4.5 PROPOSTA: OFICIAL DE INTELIGÊNCIA NÍVEL SU

O texto foi redigido baseado nas atribuições do oficial de Inteligência da OM, previsto no Manual de Campanha EB70-MC-10.307: Planejamento e Emprego da Inteligência Militar, buscando descer o escalão para o nível de uma subunidade. Para isso, buscou-se respeitar a esfera de atribuições de cada nível hierárquico, por meio da aproximação das atribuições previstas às atividades relatadas na pesquisa em que houve participação direta do Subcomandante da SU.

Respeitou-se, da mesma forma, os princípios e fundamentos presentes no Manual a que se propõe a inserção desse possível subtópico. Sugere-se que a proposta de atribuição de um Oficial de Inteligência no nível de SU seja inserida no Capítulo IV - Operações de Paz, dentro do tópico 6º - Execução das Operações de Paz, em específico no subtópico 4.6.9 - A coleta e a busca de dados em uma Operação de Paz. O texto constituiria o subtópico 6º do referido trecho do Manual.

Decidiu-se, também, incluir no texto-proposta os “Fatores de sucesso” levantados na seção anterior, com a finalidade de aumentar o nível de aproveitamento das experiências adquiridas pelos militares que participaram da missão e conferir maior embasamento para o preparo e execução da função.

Texto-proposta

4.6.9.6 Oficial de Inteligência da SU

4.6.9.6.1 Sugere-se a delegação, no âmbito das subunidades de um Batalhão de força de Paz, da função de Oficial de Inteligência da SU para os subcomandantes das respectivas companhias.

4.6.9.6.2 O militar ficará encarregado de estabelecer e manter atualizado um banco de dados, no nível subunidade, que compreenda todas os dados potencialmente relevantes sobre o meio operacional e ameaças que sejam reportados pelas frações e seus grupos de combate, durante e após a execução das missões.

4.6.9.6.3 Os dados obtidos no decorrer das tarefas operacionais realizadas pela subunidade devem ser encaminhados à 2ª Seção do batalhão num canal de comunicação que deve ser mantido pelo subcomandante de companhia, o qual deve se reportar ao escalão superior com a frequência exigida.

4.6.9.6.4 Deverá, também, repassar constantemente à tropa os desdobramentos dos EEI provenientes do escalão superior, para que sejam observados no decorrer das tarefas operacionais.

4.6.9.6.5 O militar deve observar e tomar como base os “fatores de sucesso” para que o emprego da tropa como vetor de inteligência seja realizado com bom aproveitamento. Esses fatores compreendem:

1. Desenvolvimento da consciência de todos os militares quanto a importância de se observar e relatar todos os detalhes e situações presenciados durante as missões, incentivando-os a serem participativos no processo de coleta de dados;
2. Criação de uma rotina de briefings antes e após as missões abordando os desdobramentos dos EEI, para que a atividade de inteligência se faça presente na realização das tarefas e, com isso, a coleta de dados seja incorporada integralmente nas ações da tropa;
3. Conscientização dos militares de que um dado, aparentemente simples e sem relevância clara para o militar que o coleta, pode ser essencial na construção do conhecimento de inteligência por parte do escalão superior;
4. Estabelecimento de um canal de comunicação aberto, por parte do SCmt SU, com todos os militares da subunidade, a fim de que seja estabelecido um fluxo direto e limpo de dados que proporcionará um maior aproveitamento destes.

4.6.9.6.5 Por fim, deve manter a tropa sempre informada e atenta a situações em que dados cruciais para o sucesso da missão podem ser coletados e, após serem transformados em informações, permitirão ao comandante maior consciência situacional no conflito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi conduzida com o intuito de se atingir os objetivos propostos ao longo do seu desenvolvimento. A atuação da tropa como vetor de inteligência durante a MINUSTAH, conforme se constatou por meio dos depoimentos fornecidos nos questionários, teve papel crucial no sucesso das operações. Além disso, os militares possuíam consciência da relevância dessa atividade para que os objetivos operacionais fossem atingidos, o que, aliado ao preparo realizado pelos contingentes brasileiros, foi ponto chave no sucesso das atividades de Inteligência no Haiti.

A doutrina militar terrestre mostrou-se efetiva quanto às normas e procedimentos que a tropa realizou no nível tático. No entanto, a pesquisa revelou lacunas onde novas propostas de atribuições específicas podem ser úteis em operações futuras. A proposta de se prever, em manual, a função de Oficial de Inteligência no nível subunidade tem como objetivo aumentar a efetividade do processo de compilação e transmissão dos dados de inteligência coletados no nível batalhão.

A participação brasileira no Haiti trouxe impactos marcantes para o preparo, emprego e operacionalidade das tropas brasileiras, tanto em missões internas quanto externas. Segundo Palma (2018):

“Em síntese, verifica-se, a priori, que há uma clara percepção de que a atuação das Forças Armadas e em particular o EB em missões de paz, constituem um instrumento válido ou útil na projeção do país no cenário internacional. A par deste fato marcado por uma imagem positiva, o esforço despendido pela tropa e a utilização de diversos meios permitem uma operatividade efetiva que materializa a finalidade estabelecida nos ditames legais e preconizada nas diretrizes de instrução, tanto de preparo quanto de emprego.”

Portanto, na busca por aproveitar o poder multiplicador de conhecimento que a MINUSTAH trouxe para o Exército Brasileiro, a pesquisa pautou-se na análise das experiências compartilhadas por militares que atuaram e exerceram na prática as ações que, outrora, eram apenas previsões sem experimentação real. A proposição do acréscimo de um subtópico ao Manual visa contribuir para o constante aprimoramento e atualização da doutrina militar terrestre, baseado nas experiências vividas no Haiti.

REFERÊNCIAS

- ABDENUR, A.E.; KUELE, G.; FOLLY, M.; MACEDO, G. O Brasil e a MINUSTAH: lições a partir da literatura acadêmica. **A Participação do Brasil na MINUSTAH (2004-2017): percepções, missões e práticas relevantes para futuras missões**, Rio de Janeiro, p.101-111, 2017.
- BERNARDES, Diogo Trasël. **O soldado como vetor de inteligência: O uso do elemento de combate na fase de obtenção do conhecimento**. 2017. Monografia (Especialização) - Curso de Ciências Militares, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2017.
- BORGES, Pablo Cordeiro. **O estabelecimento de pontos fortes no Haiti pelo contingente brasileiro**. TCC (Graduação) - Curso de Bacharel em Ciências Militares, Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2019.
- BRAGA, Carlos Chagas Vianna. Os desafios iniciais da participação das Forças Armadas Brasileiras na MINUSTAH. **A Participação do Brasil na MINUSTAH (2004-2017): percepções, missões e práticas relevantes para futuras missões**, Rio de Janeiro, p.36-43, 2017.
- BRASIL. Exército Brasileiro. **EB20-MC-10.207: Inteligência**. Brasília, EGGCF, 2015.
- BRASIL. Exército Brasileiro. **EB70-MC-10.219: Manual de Campanha Operações de Paz**. 3. ed. Brasília, EGGCF, 2017.
- BRASIL. Exército Brasileiro. **EB70-MC-10.242: Manual de Campanha Operação de Garantia da Lei e da Ordem**. Brasília, EGGCF, 2018.
- BRASIL. Exército Brasileiro. **EB70-MC-10.307: Manual de Campanha Planejamento e Emprego da Inteligência Militar**. Brasília, EGGCF, 2016.
- BRASIL. Exército Brasileiro. **EB20-MF-10.107: Manual de Fundamentos de Inteligência Militar Terrestre**. 2. ed. Brasília, EGGCF, 2015.

CABAÑA, Adrián Lovera. **Emprego do Pelotão de Infantaria nas operações contra forças irregulares no Haiti**. TCC (Graduação) - Curso de Bacharel em Ciências Militares, Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2019.

CEPIK, M.; KUELE, G. Inteligência em Operações de Paz da ONU: Déficit Estratégico, Reformas Institucionais e Desafios Operacionais. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v.59, n. 4, p. 963-993, 2016.

CRESCENCIO JÚNIOR, Armando José. **As operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) em perspectiva comparada com o uso da força nas operações de Paz - Reflexos do emprego da força na MINUSTAH para a atuação do Exército em GLO pós Haiti**. Monografia (Especialização) - Curso de Curso de Especialização em Ciências Militares, Escola de Comando e Estado-maior do Exército, Rio de Janeiro, 2019.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Headquarters, Department of the Army. **FM 2-22-3 Human Intelligence Collector Operations**, Washington DC, 2006

FAGANELLO, Priscila Liane Fett. **Operações de Manutenção da Paz da ONU: de que forma os direitos humanos revolucionaram a principal ferramenta internacional da paz**. Brasília: FUNAG, 2013.

HAMANN, E.P.; TEIXEIRA, C.A.R. **A participação do Brasil na MINUSTAH (2004-2017): percepções, missões e práticas relevantes para futuras missões**, Rio de Janeiro, 2017.

JÚNIOR, Júlio Affonso de Souza Machado. **O emprego dos comandantes de fração da subunidade no levantamento de dados de inteligência nas Operações de Garantia da Lei e da Ordem em apoio aos órgãos de segurança e ordem pública do estado do Rio de Janeiro**. Monografia (Especialização) - Curso de Ciências Militares, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2018.

ONU, Organização das Nações Unidas. **United Nations Peacekeeping Operations Principles and Guidelines**, New York, NY, 2008.

PALMA, Marcelo. **A importância da participação do Exército Brasileiro na Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti como forma de projeção do poder e manutenção de sua operacionalidade**. TCC (Graduação) - Curso de Política, Estratégia e Alta Administração Militares, Escola de Comando e Estado-maior do Exército, Rio de Janeiro, 2018.

ROSSINI, Pedro Henrique Calil. **A Coleta de dados pelos Grupos de Combate em Operações de Garantia da Lei e da Ordem**. TCC (Graduação) - Curso de Formação de Oficiais, Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2019.

APÊNDICE A

Este Apêndice constitui-se do modelo de questionário utilizado na coleta de informações para a pesquisa qualitativa apresentada neste trabalho. O questionário compõe-se de um total de quatorze questões, das quais: 1 a 4 abordaram informações primárias (identificação, separação da amostra em grupos); e de 5 a 14 foram abordadas informações relativas ao emprego desses militares em atividade de coleta de dados de Inteligência durante o período em que estiveram na missão.

Questionário- Atuação da tropa como vetor de Inteligência durante a MINUSTAH

1. Nome Completo, Posto/Grad e OM onde serve.

2. Integrou algum contingente da MINUSTAH?

- SIM
- NÃO

3. Se sim, Qual foi o Contingente?

4. Qual o Posto/Grad do Senhor no período em que esteve na missão?

- Coronel
- Tenente-Coronel
- Major
- Capitão
- 1º ou 2º Tenente
- Subtenente ou Sargento
- Cabo ou Soldado

5. O Senhor recebeu algum encargo específico referente a Inteligência?

- SIM
- NÃO

6. Se sim, qual foi esse encargo e por quanto tempo coletou as informações?

7. O senhor recebeu orientações periódicas quanto a coleta de dados durante a execução das missões?
- SIM
 - NÃO
 - RARAMENTE
8. Os dados de Inteligência coletados durante as missões eram transmitidos ao Escalão Superior?
- SIM
 - NÃO
 - NÃO TENHO CONHECIMENTO A RESPEITO
9. As orientações relativas a coleta de dados de Inteligência exploravam a capacidade de quem estava atuando no nível tático?
-
10. Como era feita a padronização do que deveria ser explorado durante as missões?
-
11. Ao início de cada missão, eram abordados os desdobramentos relativos aos Elementos Essenciais de Inteligência?
- SIM
 - NÃO
12. Ao final de cada missão, era confeccionado um relatório referente especificamente à coleta de dados de Inteligência?
- SIM
 - NÃO
13. O Senhor considera que os conhecimentos produzidos pela Inteligência foram essenciais no cumprimento das missões?
- SIM
 - NÃO
14. Deixe uma consideração quanto à experiência do Senhor no que diz respeito à participação da tropa como vetor de Inteligência durante o período em que esteve na missão.
-